

Perto dos professores, longe da Conlutas

ELISA MONTEIRO • elisamonteiro@adufjrj.org.br

A mensagem da nova diretoria da Adufrj é ambiciosa: quer ocupar todas as frentes e fazer um sindicalismo que respeite as particularidades dos professores enquanto produtores de conhecimento. Na UFRJ, haverá mais atenção à vida institucional, com acompanhamento dos colegiados superiores e monitoramento do sistema de progressão de carreira. No cenário externo, a prioridade é a defesa da universidade pública e de qualidade. Os compromissos foram anunciados durante a cerimônia de posse, no salão Pedro Calmon, no último dia 16.

A primeira medida concreta é política e financeira. A Adufrj vai deixar de repassar R\$ 180 mil anuais para a CSP-Conlutas: “É uma central muito isolada, muito esvaziada. O professor da UFRJ não perde nada. Queremos encerrar esta relação”, afirma a presidente Maria Lúcia Teixeira. A economia dos recursos vai ajudar na realização de um velho sonho dos associados: a construção de uma sede própria para a entidade, hoje localizada em uma sala do Centro de Tecnologia.

A direção promete também realizar estudo sobre o perfil dos professores e disputar os rumos do movimento docente nacional, participando de forma crítica dos fóruns do Andes. “Vamos preservar as conquistas alcançadas e avançar na consolidação da Adufrj como um espaço democrático de resistência”, resume Maria Lúcia.

Fernando Souza



SOB NOVA DIREÇÃO Da esq. para a dir.: Fernando Duda (Coppe); Lúcia Bahia (IESC); Eduardo Raupp (Coppead); Maria Lúcia (Economia); Maria Paula Nascimento (História); Tatiana Sampaio (ICB); e Felipe Rosa (Física)

MEDIDAS ANUNCIADAS

- | | | |
|--|--|--|
| <p>1 Suspender pagamento mensal da Conlutas</p> <p>2 Acompanhar sistema de progressão docente</p> <p>3 Acompanhar colegiados superiores da UFRJ</p> | <p>4 Debater a política de extensão universitária</p> <p>5 Reforçar papel do Conselho de Representantes</p> <p>6 Reduzir contribuição sindical de jovens docentes</p> | <p>7 Participar dos fóruns locais e nacionais do Andes</p> <p>8 Construir a primeira sede própria da Adufrj</p> <p>9 Acompanhar as eleições nacionais e estaduais</p> |
|--|--|--|

Diretorias unidas por um novo sindicalismo

> Em auditório cheio, Tatiana Roque e Maria Lúcia Werneck falaram sobre os desafios de dirigir a Adufrj em tempos de crise

KELVIN MELO

kelvin@adufjrj.org.br

Uma visita ao passado recente e um esboço do que serão os próximos dois anos da Adufrj. Esse foi o tom da cerimônia de posse da nova diretoria do sindicato na noite do último dia 16, em um cheio Salão Pedro Calmon, no Palácio Universitário.

A tônica da gestão anterior foi “buscar novas formas de mobilização” para “representar melhor as diferentes visões de professoras e professores da universidade”, explicou a ex-presidente Tatiana Roque. Para ampliar a participação do-

cente nas decisões do sindicato e conectar a Adufrj com a sociedade, ela destacou as inéditas assembleias multicampi com votação em urna e a campanha Conhecimento Sem Cortes.

A abertura de espaços de discussão sobre temas nacionais foi outra marca. Tatiana lembrou a luta contra o teto de gastos públicos, a participação nas Marchas pela Ciência e a solidariedade às instituições estaduais de ensino superior do Rio de Janeiro. “Defender a universidade pública é uma das razões de existir da Adufrj”.

Sobre a transparência dos gastos e o custo de funcionamento da Adufrj, a

ex-presidente mostrou que houve crescimento na arrecadação: “Fizemos tudo isso deixando o orçamento da Adufrj maior do que quando entramos”, enfatizou. A gestão que herdou R\$ 727 mil deixou para o novo biênio mais de R\$ 1,2 milhão.

Carlos Frederico Leão Rocha, 1º vice-presidente da diretoria anterior, completou o balanço 2015-2017 com duras críticas à reitoria: “Nos últimos anos, perdemos capacidade de gestão, perdemos coesão em nossas decisões”, disse. “É inconcebível que as contas não estejam online para que todos pudessem saber a origem e a direção dos gastos. A recorrente prática de aprovação de orçamentos

deficitários é danosa”, completou.

O professor destacou, ainda, a publicação das três revistas da associação, no período: a primeira, voltada para as cotas; a segunda, para o orçamento da universidade; a última, para os problemas do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho.

O QUE VEM POR AÍ

Nova presidente, Maria Lúcia Teixeira ressaltou a responsabilidade de representar um corpo social tão heterogêneo e plural. Para Maria Lúcia, a tarefa de dirigente da Adufrj só pode ser desempenhada com respeito à divergência de ideias:

“Não se trata de impor ao conjunto de docentes decisões tomadas por poucos. Exige reflexão, discussão e participação crescente”, enfatizou. “Não somos ferroviários. Sem nenhum demérito aos ferroviários. Todos têm uma função importante na sociedade. Temos uma inserção no mundo, que é uma especificidade. Somos diferentes, porque transmitimos saberes diferentes”, completou.

Em seguida, a nova presidente anunciou as primeiras medidas, como a convocação do Conselho de Representantes. A professora citou, ainda: uma reunião aberta para discutir os critérios de avaliação da Capes; o início de novas cam-

panhas; um debate sobre a política de extensão da UFRJ; e o acompanhamento das instâncias superiores da universidade. A construção de uma sede própria é outra meta. “É muito grande a responsabilidade de dar sequência ao trabalho realizado pela diretoria que hoje nos passa o bastão”, afirmou.

Compareceram à assembleia de posse mais de cem professores, além de amigos, familiares, técnicos-administrativos e estudantes. A administração central da UFRJ foi representada pela vice-reitora Denise Nascimento; pela pró-reitora de Extensão, Maria Malta; e pelo pró-reitor de Graduação, Eduardo Serra.

Fernando Souza



Assembleia representativa: 113 docentes assinaram o livro da reunião



Balanço: Carlos Frederico e Tatiana Roque falaram dos últimos dois anos



Sede própria: Fazer a mudança da Adufrj está nos planos da nova diretoria



Encontro institucional: vice-reitora cumprimenta nova presidente do sindicato

Conselho será o “parlamento” da Adufrj

ISABELLA DE OLIVEIRA E MARIANNE MENEZES • Estagiárias da Adufrj

“Lutar internamente por melhores condições de trabalho e apoiar os professores que entraram sob novas leis na carreira.”

ANA LÚCIA C. FERNANDES
Faculdade de Educação

“Precisamos mostrar a importância da universidade para que as lutas pela manutenção e fortalecimento do ensino público e gratuito ganhem apoio.”

MARTA CASTILHO
Instituto de Economia

“Deve ter um papel de parlamento”. Foi assim que a nova presidente da Adufrj, professora Maria Lúcia Teixeira definiu o Conselho de Representantes da entidade. “Vamos estimular estes representantes a trazerem as reivindicações, as demandas de seus representados, das unidades. Será um intermediário permanente”, acrescentou.

Durante a cerimônia do último dia 16, os novos integrantes do conselho também foram empossados, até outubro de 2019. Ao todo, são 55 representantes titulares e 35 suplentes de 27 unidades, além dos campi de Macaé e Xerém. “Nosso conse-

lho está bem mais representativo”, destacou a professora Tatiana Roque, presidente do biênio 2015-2017.

DISPOSIÇÃO PARA AJUDAR

Ouvidos pela reportagem, muitos conselheiros ressaltaram a conjuntura difícil que atravessa o ensino superior público. Ao mesmo tempo, mostraram disposição para, aliados à reitoria e aos colegas de unidade, enfrentar todas as ameaças à universidade.

Confira, nestas páginas, alguns depoimentos dos conselheiros eleitos sobre as expectativas para os próximos dois anos:

“Eu espero que a minha atuação no conselho fortaleça uma gestão cada vez mais participativa.”

OLAVO AMARAL
Instituto de Bioquímica Médica

“Nosso desafio principal é resistir ao desmantelamento da universidade pública e da pesquisa brasileira.”

FERNANDO FRAGOSO
Escola de Comunicação

“Serão tempos bicudos”

ANA BEATRIZ MAGNO E KELVIN MELO • comunica@adufRJ.org.br

Ela quer terminar o mandato menos magra e mais jovem. Aos 74 anos, Maria Lúcia Teixeira Werneck Vianna não tem medo de desafios. Professora aposentada do Instituto de Economia, decana do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas de 2010 a 2014 e uma das maiores especialistas em previdência social do Brasil, ela acaba de assumir a presidência da Adufrj, em um dos momentos mais ameaçadores para a universidade pública brasileira. “Serão tempos bicudos, mas seremos mais bicudos que o tempo”, promete.

O combustível da motivação, explica a professora, é a vontade de continuar fazendo política dentro da universidade. Um traço em comum com o irmão Aloisio Teixeira, falecido em 2012, ex-reitor da UFRJ entre 2003 e 2011. Maria Lúcia lembra que Aloisio lhe contou que queria ser presidente da Adufrj após sair da administração central. “Ele não conseguiu satisfazer esse desejo. Faça por ele”.

Nesta entrevista, a professora também critica a postura da atual reitoria da UFRJ e apresenta um pouco dos planos da gestão que se inicia.

■ Qual será a marca desta diretoria?

Será uma gestão mais inserida na universidade. O que não quer dizer que a gente não vai se abrir para fora. Participaremos mais do Consuni, acompanharemos os colegiados superiores da universidade, a Comissão Permanente de Pessoal Docente e a Comissão Temporária de Alocação de Vagas.

■ Que leitura pode ser feita da vitória das chapas que não receberam apoio da reitoria, na Adufrj e no Sintufrj?

O recado mais geral à reitoria é que estão fazendo a política errada. A tese do “quanto pior, melhor” é extremamente equivocada. Para avançar na resistência ao obscurantismo, exige-se de nós uma política mais propositiva e menos negativa.

■ Já existe uma primeira ação da nova diretoria?

Sair da CSP-Conlutas. Porque ninguém é da CSP-Conlutas. É uma central muito isolada, muito esvaziada. O professor da UFRJ não perde nada. Gastamos R\$ 180 mil anuais com esse repasse.

■ O que vai ser feito com esse dinheiro?

Temos um sonho que é ter uma sede própria. Estamos discutindo se é conveniente fazer dentro do campus ou não. Eu,



Fernando Souza

Maria Lúcia: gestão estará mais inserida na UFRJ

particularmente, gostaria que fosse na Cidade Universitária. O problema são os índices de violência. As pessoas não estão conseguindo ficar à noite no Fundão.

■ A Adufrj vai se inserir no debate das eleições de 2018?

Estamos planejando formular uma carta da universidade para garantir dos candidatos algum compromisso em termos orçamentários e pôr fim às perseguições que a universidade tem sofrido por irregularidades absolutamente ininte-

ligíveis. Ninguém enriqueceu por aí.

■ Como atrair mais professores ao sindicato?

Podemos pensar numa redução da contribuição dos mais jovens. Para os mais antigos, vamos nos apresentar. Eles nos conhecem. Com uma sede, poderíamos fazer eventos com os aposentados. Também estamos começando a fazer uma espécie de demografia dos professores da UFRJ. Queremos conhecer mais a fundo este universo que vamos representar. Até para traçar estratégias de filiação.

■ A extensão universitária precisa ser rediscutida?

Sim. Há muitas mudanças em curso e os professores precisam ser ouvidos. Hoje, fazer trabalho social na Maré é extensão, mas dar uma palestra numa entidade científica, não. O intercâmbio com a sociedade não é só com a Maré. É com as escolas, com as empresas.

■ Por que assumir esta função na Adufrj?

Tem a ver com essa vocação de fazer política na universidade. Uma coisa que eu nunca falei é que o Aloisio, quando saiu da reitoria, disse: “Agora eu quero ser o presidente da Adufrj”. Ele queria ficar na universidade, atuando. Ele não conseguiu satisfazer esse desejo. Faça por ele.